

O QUE LEVA PROFESSORES APOSENTADOS RETORNAREM A DOCÊNCIA?

WHAT LEADS RETIRED TEACHERS TO RETURN TO TEACHING?

¿QUÉ LLEVA A LOS PROFESORES JUBILADOS REGRESAR A LA DOCENCIA?

Vanessa Ribeiro Andreto Meira¹

Yoshie Ussami Ferrari Leite²

RESUMO: Este artigo objetiva apresentar os dados de nossa pesquisa referentes aos motivos que levaram seis professoras das redes de ensino de Presidente Prudente-SP e Presidente Bernardes-SP a se aposentarem e retornarem à docência após a aposentadoria. O referencial teórico envolveu estudos sobre o contexto da escola pública e os dilemas enfrentados pelos professores, os ciclos de vida e carreira docente e os aspectos da inatividade ligados à aposentadoria. A pesquisa foi de caráter qualitativo e como instrumentos utilizamos entrevistas semiestruturadas. Os resultados indicaram que os motivos que influenciaram o retorno das professoras têm relação com o contexto de precarização da profissão docente, tendo em vista os baixos salários. O medo de perder a identidade social e profissional, tornando-se inativas, somado ao sentimento de ainda possuir desejo de realizar o trabalho também foram justificativas apresentadas pelas professoras para a decisão de retornar à docência.

PALAVRAS-CHAVE: Professores Aposentados. Retorno à Docência. Condições de Trabalho Docente.

ABSTRACT: This article aims to present the data from our research, concerning the reasons that led six teachers from the Presidente Prudente-SP and Presidente Bernardes-SP Education System to retire and return to teaching after retirement. The theoretical reference involved studies on the context of the public school and the dilemmas faced by teachers, lifecycles and teaching career and aspects of inactivity linked to retirement. The research was qualitative character and as instruments, we use semi-structured interviews. The results indicated that the reasons that influenced the teachers return, it's relationship with the context of precariousness teaching profession, considering the low wages. The fear of losing the social and professional identity, becoming inactive, added to the feeling of yet have desire to carry out the work were also justifications denoted by teachers for the decision to return to teaching.

KEYWORDS: Retired Teachers. Return to Teaching. Teacher Working Conditions.

¹ Doutoranda em Educação pela FCT-UNESP Campus de Presidente Prudente e Professora PEB I no município de Presidente Bernardes. E-mail: vanessa.777vm@gmail.com.

² Professora Livre Docente e Professora Adjunta do Departamento de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação da FCT/Unesp/Campus de Presidente Prudente. E-mail: yoshie@fct.unesp.br.

RESUMEN: Este artículo pretende presentar los datos de nuestra investigación acerca de los motivos que llevaron seis profesoras de las redes de enseñanza de Presidente Prudente-SP y Presidente Bernardes-SP a jubilarse y volver a la enseñanza después de la jubilación. El referencial teórico envolvió estudios acerca de lo contexto de la escuela pública y los dilemas afrontados por profesores, los ciclos de vida y carrera docente y aspectos de la inactividad, unida a la jubilación. La investigación fue de carácter cualitativo y como instrumentos usamos entrevistas semiestructuradas. Los resultados indicaron que los motivos que influyeron en la vuelta de las profesoras tienen relación con el contexto de precariedad de la profesión docente, considerando los salarios bajos. El miedo de perder la identidad social y profesional, haciéndose inactivas, añadido al sentimiento de aún tener deseo de realizar el trabajo, también fueron justificaciones presentadas por las profesoras para la decisión de volver a la enseñanza.

PALABRAS CLAVE: Maestros Jubilados. Volver a la enseñanza. Condiciones de trabajo docente.

INTRODUÇÃO

A abertura de espaço no mercado de trabalho para profissionais já aposentados é um fenômeno contemporâneo, que a cada dia mais se faz presente em nossa sociedade. Uma das hipóteses para explicar esse reingresso diz respeito aos aspectos da inatividade, uma situação em que o indivíduo sente-se deslocado, exatamente por não desempenhar mais uma função produtiva. Diante disso, alguns aposentados sentem a necessidade de reingressar no mercado de trabalho, eventualmente na mesma profissão, bem como de se engajar em serviços voluntários, ou em outro tipo de atividade, justamente para retomarem o sentimento de que são úteis e que ainda têm uma contribuição a oferecer.

Podemos pensar em outras hipóteses para explicar o que leva um aposentado a retornar ao trabalho, mas não podemos dizer que todas as pessoas que passam pelo processo de aposentadoria vivem as mesmas experiências. A vivência de determinadas situações depende do contexto em que o indivíduo está inserido e, principalmente, da forma como o processo de aposentadoria foi planejado e experienciado.

Segundo Simões (1999), numa sociedade que tem dificuldade em lidar com as diferenças, em relação ao aposentado, há ainda, muitos estereótipos e mitos, os quais estigmatizam e provocam sentimento de impotência e de exclusão, quando as pessoas são afastadas do mundo produtivo. Para que se construam estratégias de intervenção, por parte dos diversos segmentos da sociedade envolvidos com essa questão, é importante que se desvelem as diversas formas de preconceito, estigma e exclusão, e que sejam socializados os conhecimentos sobre envelhecimento e trabalho.

Dartora (2009), por exemplo, demonstra como a sociedade é contraditória no que concerne ao assunto. Por um lado, considera a aposentadoria um direito e uma conquista do trabalhador, depois de muitos anos de esforços e trabalho. Por outro, desvaloriza

o sujeito depois de aposentado, que passa a ser visto como improdutivo e, portanto, inútil. Não raro, também, o indivíduo que se aposenta, principalmente quando lhe cabe o papel de mantenedor do grupo familiar, precisa continuar trabalhando por necessidade financeira, considerando-se que, para grande parcela dos brasileiros, os valores recebidos com a aposentadoria não cobrem as despesas de sua manutenção e de seus dependentes.

Segundo Zanelli e Silva (1996), os motivos que levam ou não o aposentado de volta ao trabalho são muito complexos. Debert (1999), afirma que o trabalho tem o papel de regulador da organização da vida humana, determinando horários, atividades e relacionamentos pessoais, fundamentais para a vida social, conforme as suas exigências. As atividades exercidas ao longo da vida servem de ponto de referência para as pessoas, sendo difícil desvincular-se delas. Além disso, a atividade remunerada tem um valor muito importante para as pessoas, o que pode dificultar seu afastamento em decorrência da aposentadoria (DARTORA, 2009).

No caso do professor, existem mais algumas dificuldades. O ambiente escolar, como espaço de trabalho, vem enfrentando o aparecimento de inúmeros dilemas, frutos das mudanças sociais ocorridas nos últimos tempos. Entre as novas funções delegadas ao professor, conforme Tedesco (2001) está a de promover a socialização primária das crianças, ou seja, ensinar conceitos básicos para a convivência na sociedade, função antes desempenhada pela família. Segundo o autor, se a família se exime dessa tarefa, conseqüentemente ela será desenvolvida pela escola e pelos professores, já que é no meio escolar que os alunos passam grande parte do dia.

Nóvoa (2007) também relata que, nos últimos tempos, a sociedade lançou para dentro da escola e atribuiu aos professores múltiplos afazeres, fato que tem tornado difícil à instituição e ao corpo docente definir suas prioridades. Essa situação pode ser um ponto gerador de conflitos e de problemas na ação dos professores, já que necessitam desenvolver funções diversificadas diariamente. Assim, é possível que muitos deles pensem em se dedicar a outras atividades, sem relação com o meio escolar, ou busquem suas aposentadorias, com o intuito de se distanciar do trabalho, muitas vezes em decorrência de problemas psicológicos e físicos que podem estar vinculados aos dilemas cotidianos e a pressão que sofrem no desempenho de sua função.

No entanto, mesmo com o crescimento dos dilemas vivenciados pelos professores dentro do ambiente escolar, temos verificado, nos últimos tempos, o retorno de docentes aposentados ao exercício da docência. Essa aparente incoerência nos faz refletir

sobre os motivos que levam um aposentado a abandonar essa condição e voltar a uma escola em constante mudança e que vem assumindo novos papéis para os quais muitas vezes ainda não está preparada.

Pensando na realidade da atual escola pública brasileira, onde os professores se defrontam com muitos conflitos e novas atribuições, é possível que, no final de suas carreiras, eles passem pelo processo de desinvestimento amargo, em função dos aspectos negativos presentes no meio escolar. Por outro lado, existe também a possibilidade de vivenciarem um desinvestimento sereno de sua profissão, desde que, ao avaliarem a sua carreira, segundo a proposta de Lapo (2008), o resultado do balanço entre as dimensões objetivas e subjetivas seja positivo, o que lhes garante vivenciar o bem-estar na profissão, de forma que se desligar do trabalho não represente um processo tão conflituoso, e retornar à docência após a aposentadoria tampouco representará uma decisão penosa.

Com o intuito de saber mais sobre o fenômeno do retorno de professores aposentados à docência e de poder refletir acerca das hipóteses que os levam a essa ação, realizamos, no mês de junho de 2009, um levantamento das pesquisas produzidas nos últimos 10 anos (1999-2009), em programas de pós-graduação em educação de quatro universidades do Estado de São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – USP/SP; Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP; Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos – UFSCAR, área de concentração “Metodologia de Ensino”; Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

Mediante esse levantamento, foi possível constatar que, de um total de 2.853 teses e dissertações consultadas, apenas duas, uma de mestrado e outra de doutorado, discutiam questões que envolviam os professores em final de carreira e aposentados.

A dissertação de mestrado, intitulada “Aposentadoria: a experiência de professores aposentados do Instituto de Biologia da Unicamp” foi desenvolvida pela pesquisadora Adriana Batista de Souza Bragança. O objetivo desse estudo foi conhecer a experiência da aposentadoria vivida por um grupo de professores, homens e mulheres, do Instituto de Biologia da Unicamp, a fim de compreender as expectativas criadas pelos sujeitos nesse momento da vida e entender a relação trabalho, aposentadoria e velhice no contexto da realidade na qual estão inseridos. O pressuposto central desse estudo fundamentou-se na ideia de que homens e mulheres aposentados atribuem significados

distintos para trabalho e aposentadoria, o que determina a experiência da aposentadoria, que passa a ser vivida de maneira diferenciada, indesejada, refletindo, sobremaneira, na fase posterior, isto é, na maturidade.

As conclusões do estudo demonstraram que a inserção e o engajamento na vida acadêmica, imediatamente após a formação de nível superior, os motivaram na carreira, em termos de oportunidades surgidas no momento histórico particular, por alguma influência familiar, mas, sobretudo, os levou a gostar do magistério superior, fato que os identificou como profissionais de sucesso. Esse dado identificador fica bastante evidente nas falas, quando mencionam o sentimento de prazer e realização no exercício da docência. Decorre daí a razão e o significado do trabalho em suas vidas.

Já a tese de doutorado, intitulada “A transição à aposentadoria, na percepção de professores recém-aposentados da Universidade Federal do Espírito Santo”, desenvolvida pela pesquisadora Vera Lúcia Deps, teve como objetivo realizar uma análise da experiência de transição à aposentadoria de um grupo de professores universitários, com destaque para três aspectos: percepção de ganho e perda; satisfação no trabalho; fatores determinantes da aposentadoria. Os dados para a pesquisa foram reunidos em basicamente dois grupos: o primeiro, de natureza coercitiva ou relacionado à mudança na legislação federal, e o segundo, de natureza não coercitiva.

As considerações finais da tese demonstraram que a adaptação à aposentadoria depende de fatores relacionados às características da transição em si, dos ambientes de pré-transição e pós-transição e ao perfil dos indivíduos. A pesquisadora concluiu que as características da transição se destacaram em decorrência das circunstâncias em que ocorreu o cessar das atividades docentes. Ficou evidenciada a importância do aspecto econômico e do direito de aposentar-se por tempo de serviço como motivos que influenciaram os sujeitos a optar pela aposentadoria.

As pesquisas acima descritas vinculam-se à investigação das expectativas criadas pelos sujeitos no momento da aposentadoria, à velhice e aos fatores que acarretaram suas aposentadorias.

Nesse sentido, entendemos que existem pontos de convergência entre nossa pesquisa e os trabalhos identificados, principalmente no que se refere aos fatores de transição de uma vida ativa para outra, por muitos caracterizada, como inativa. Já os aspectos que diferenciam esta pesquisa das duas anteriores, que têm como sujeitos professores

universitários, são o foco em profissionais que atuam no ensino fundamental e a preocupação com os motivos que os levam a voltar para a escola depois de aposentados.

É nesse sentido que justificamos a importância deste estudo, nesta área ainda pouco explorada, e nos propusemos a responder: Quais são os motivos que levam um professor aposentado a retornar ao exercício da docência? Para responder essa indagação, definimos como objetivo geral investigar a situação dos professores dos anos iniciais, aposentados, que retornaram à docência na rede municipal de ensino de Presidente Prudente-SP e de Presidente Bernardes-SP.

O PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Quando falamos sobre a metodologia de uma pesquisa nos remetemos ao processo pelo qual o pesquisador construiu o conhecimento, munido dos instrumentos e técnicas de pesquisa. Ao apresentá-la, buscamos demonstrar o caminho do pensamento e a prática exercida na apreensão da realidade, processo que inclui as concepções teóricas e o conjunto de técnicas definidas pelo pesquisador para que se possam alcançar os objetivos propostos. Diante disso, podemos considerar a metodologia como uma forma de discurso que apresenta o método escolhido para o encaminhamento da pesquisa (MINAYO, 1994).

Nosso estudo acerca do retorno de professores aposentados ao magistério procede como uma pesquisa qualitativa, sob o ponto de vista de Esteban (2010, p. 127), de que se trata de “[...] uma atividade sistemática orientada à compreensão em profundidade de fenômenos educativos sociais, à transformação de práticas e cenários socioeducativos”, pois pretendemos estudar um fenômeno educativo, ligado ao depoimento de professoras experientes que passam a viver um novo início de carreira.

Para entender melhor os motivos que levam as professoras aposentadas envolvidas neste estudo a retornarem ao magistério, é necessário entender o processo vivido até o momento da volta. Com esse intento, enfatizamos o pensamento de Rosa e Arnoldi (2008), para quem toda pesquisa implica o preenchimento de três requisitos básicos, que seriam a existência de um questionamento, ou hipóteses levantadas a respeito de um determinado tema, que deverão ser solucionadas por meio de resultados obtidos com o desenvolvimento da pesquisa; a descrição e elaboração de uma gama de procedimentos, métodos ou técnicas que permitam responder às perguntas anunciadas; o estabelecimento de uma inter-relação entre entrevistador e entrevistado para que se crie o vínculo e o grau de confiabilidade, resultando em dados fidedignos para a pesquisa.

Quando optamos pela abordagem qualitativa em um estudo, podemos adotar um leque variado de instrumentos de coleta de dados, por isso é preciso que o pesquisador tenha claros seus objetivos para que possa empregar o tipo de instrumento adequado à investigação a que se propõe. No caso desta pesquisa optamos pelo uso de entrevistas semiestruturadas, pois, segundo as pesquisadoras Rosa e Arnoldi (2008), esse tipo de técnica permite um questionamento mais profundo e também mais subjetivo, tendo em vista que, embora as questões sigam uma formulação flexível, a dinâmica acontece naturalmente e é possível perceber as minúcias que permeiam o discurso dos sujeitos.

Segundo Szymanski (2008), a entrevista é geralmente um momento de encontro entre pessoas que buscam informações a respeito de um determinado tema. Seja qual for o tipo de entrevista escolhida pelo investigador, encontrar-se-á certo grau de intencionalidade e interação social como aspectos essenciais do processo de organização e construção, tanto das perguntas (no caso do entrevistador), como das narrativas (no caso do entrevistado).

A autora revela que a entrevista face a face é fundamentalmente uma situação de interação humana, na qual estão em jogo às percepções do outro e de si, expectativas, sentimentos, preconceitos, interpretações e constituição de sentido para os protagonistas - entrevistador/es e entrevistado/s. Quem pesquisa tem uma intencionalidade que vai além da mera busca de informações: pretende criar uma situação de confiança para que o entrevistado se torne mais receptivo, isto é, passar uma imagem de credibilidade, de forma que o interlocutor se sinta à vontade e colabore, trazendo dados relevantes para sua pesquisa.

Outros autores como Triviños (1987) e Manzini (1990) têm tentado definir e caracterizar o que vem a ser essa técnica. Para Triviños (1987), a entrevista semiestruturada tem como característica levantar questionamentos básicos apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa, cujo foco principal seria colocado pelo investigador-intervistador. A partir das respostas dos informantes, os questionamentos se desdobrariam em novas hipóteses. Segundo o autor, ela “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade”, além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações (TRIVIÑOS, 1987, p. 152).

Com base nos apontamentos acima apresentados optamos em nossa pesquisa pelo trabalho com entrevistas semiestruturadas realizadas no ano de 2011, em duas

fases, sendo a primeira nomeada como entrevista da primeira etapa, e a segunda, como entrevista de aprofundamento. As participantes da pesquisa foram seis professoras aposentadas que se encontravam lecionando nas redes de ensino municipal de Presidente Prudente e Presidente Bernardes, no Estado de São Paulo.

AS MOTIVAÇÕES DAS PROFESSORAS APOSENTADAS PARA A EFETIVAÇÃO DOS PEDIDOS DE APOSENTADORIA

As professoras aposentadas desta pesquisa tinham planos para continuar na docência após a aposentadoria, assim seus pedidos de aposentadoria foram efetivados com o intuito de fazer valer os seus direitos e ao mesmo tempo, melhorar a renda, somando ao salário de aposentadas, o salário de professoras em exercício. As professoras justificam que o salário de professora aposentada é muito defasado e se se aposentasse poderiam ganhar um pouco mais.

Percebemos ao longo da análise que as professoras aposentadas vislumbravam uma melhoria da qualidade de vida por meio da oportunidade de fazerem jus a dois salários. É preciso lembrar também que alguns dos benefícios oferecidos aos professores em exercício não contemplam os aposentados, como por exemplo, auxílio refeição e auxílio transporte, bônus pela assiduidade, dentre outros.

Esse fator contribui para o aumento de renda a fim de suprir as necessidades básicas de alimentação, vestuário, saúde e lazer. Outra prática apresentada pelas professoras para a melhoria da renda é o acúmulo de cargo, Oliveira (2005, p. 28) afirma que o professor,

[...] alienado do produto do seu trabalho, ele passa a vender a sua força de trabalho, dando aulas em “séries” e, submetido a duas ou três jornadas de trabalho, “para manter as condições mínimas de sobrevivência diante dos salários aviltados”. Assim, são levados a trabalhar em várias escolas, em extensos horários que vão de manhã até a noite (grifo da autora).

Habitado, mesmo diante de uma carga de trabalho intensa, a sobreviver com determinada quantia, o professor aposentado se ressentia da queda de seu poder aquisitivo, tendo em vista o corte de alguns benefícios oferecidos apenas àqueles que estão na ativa. Outro ponto relevante relacionado a uma extensa jornada de trabalho é a questão do desenvolvimento de doenças, motivo apontado por duas das participantes deste estudo como responsável, naquele momento de sua carreira, pela solicitação de suas aposentadorias. O relato oferecido por uma das professoras ilustra essa afirmação:

[...] esse acúmulo de cargo agravou a minha artrose e a tendinite que tenho no braço, e, então chegou num ponto que eu vivia tomando 10, 11, 12

comprimidos por dia. Então o médico disse: “aposenta, porque a senhora reduzirá cinco ou seis desses comprimidos” e hoje eu tomo dois (DADOS DA PESQUISA, 2012).

Dartora (2009) afirma que a doença pode ser adquirida ou desencadeada pelas condições em que o trabalho é realizado. Tendo em vista o esforço mental, físico e psicológico exigido atualmente dos professores para o cumprimento e a execução das aulas, é possível que o surgimento de distúrbios seja uma consequência cada vez mais comum. Um aspecto importante a ser ainda ressaltado diz respeito à identificação e à ligação com o trabalho.

Como afirma Stano (2001, p. 32), “[...] no mundo em que o trabalho assumiu a principal referência do sujeito social, a situação de não trabalho reporta a sociedade, na qual dominam os valores utilitários, a considerar o excluído como incapaz, e desnecessário”. Se a relação com o trabalho, segundo já mencionamos, é um processo contínuo e construído ao longo da carreira, sua interrupção por meio da aposentadoria pode levar, muitas vezes, a que professores em final de carreira iniciem a visualização de um futuro como aposentados, marcado pelo estigma da inatividade, ou mesmo pelo desligamento do ambiente de trabalho, provocando um sentimento de vazio, relacionado a uma vida de ociosidade. Essa situação tende a favorecer um processo de não aceitação dessa nova realidade que, de fato, representa mais uma etapa da vida a ser cumprida.

Assim, é provável que doenças psicossomáticas possam se desenvolver, promovidas pelo pensamento e pelo sentimento de falta de utilidade na sociedade. Algumas professoras relataram que sentiam falta da escola e que voltar a esse ambiente foi à salvação para a suas vidas.

Percebemos que a ausência de ligação com o mundo do trabalho, bem como o sentimento de não contribuir para o mundo produtivo, incita o desdobramento do estigma da inatividade. Stano (2001) aponta que a aposentadoria em muitos casos pode significar a perda do próprio sentido da vida, ou uma morte social, por afastar o trabalhador do espaço que constituía sua rede de relações sociais e afetivas. Dessa maneira, a ausência desse vínculo promove, em determinados casos, o aparecimento de angústia, depressão e outros distúrbios psíquicos que em longo prazo podem se desdobrar em problemas físicos.

AS MOTIVAÇÕES DAS PROFESSORAS APOSENTADAS PARA O RETORNO AO EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA

Como dissemos anteriormente, o retorno de professores aposentados à

docência constitui-se um fenômeno recente e que pode ser vivenciado de diversas maneiras. Em nossa pesquisa entendemos a volta ao magistério está inteiramente ligada à questão financeira, bem como a uma forte vinculação com o meio escolar, construída no decorrer da carreira docente. Embora o gosto e o prazer pelo ensino tenham sido enfatizados, o aspecto salarial foi crucial para a efetivação do retorno dessas professoras aposentadas à docência.

Ao longo do estudo, observamos que as professoras têm um sentimento de prazer no convívio com o meio escolar, pois, além do contato com as crianças, é lá também que os vínculos de amizade são construídos. Algumas delas evidenciaram a satisfação em acompanhar a evolução de cada aluno a partir de suas práticas pedagógicas.

Isto posto, entendemos que, apesar de as professoras terem sido levadas a retomar seu trabalho depois da aposentadoria pela necessidade da complementação de renda, elas demonstram um nível de satisfação elevado, mesmo diante das dificuldades presentes no cotidiano escolar. Algumas apontam que:

[...] Faz muito bem pra mim, senão não teria como continuar. Tem que ser prazeroso pra mim para que eu queira continuar. Eu gosto de estar com eles, de procurar ajudar;

[...] além do contato com o aluno, é o ambiente, o contato com as pessoas da mesma profissão, porque se você sai, perde esse contato com as pessoas da mesma profissão (DADOS DA PESQUISA, 2012).

O medo de perder o valor social, tornando-se inativa, e o sentimento de ainda ter disposição para o trabalho também foram justificativas apresentadas pelas professoras de nosso estudo. Realizar o desligamento de toda uma carreira construída no decorrer de muitos anos, efetivando o pedido de aposentadoria, não constitui uma tarefa fácil. Segundo Lapo e Bueno (2003), da mesma forma que se tornar professor é um processo contínuo, deixar de sê-lo também é um processo tecido ao longo do percurso profissional. Nesse sentido, é preciso que exista uma preparação anterior para esse momento da vida.

De acordo com Stano (2001, p. 31), “[...] aposentadoria cria uma identidade comum no universo da velhice, em que a disponibilidade e a ociosidade possibilitam ou forçam novos hábitos e outros comportamentos para combater o estigma de que sou aposentado. Logo sou velho”. Como podemos perceber, vivenciar o momento da aposentadoria não é um processo tão simples, pois muitos são os estigmas e as situações de conflitos inerentes a ele. Diante disso, entendemos ser muito importante a preparação para vivenciar o momento da aposentadoria, tendo em vista os aspectos apresentados por Stano (2001).

Nossas conclusões acerca dos motivos que levam os professores aposentados retornarem à docência revelam que, as docentes envolvidas na pesquisa que realizamos, ainda que, de municípios diferentes, apresentam praticamente os mesmos motivos para a volta ao exercício da docência: a falta de valorização do professor e a precarização da profissão em nosso país. Cabe aqui citar Oliveira (2004, p. 1.140), que descreve com clareza a situação:

[...] assim como o trabalho em geral, também o trabalho docente tem sofrido relativa precarização nos aspectos concernentes às relações de emprego. O aumento dos contratos temporários nas redes públicas de ensino, chegando, em alguns estados, a número correspondente ao de trabalhadores efetivos, o arrocho salarial, o respeito a um piso salarial nacional, a inadequação ou mesmo ausência, em alguns casos, de planos de cargos e salários, a perda de garantias trabalhistas e previdenciárias oriunda dos processos de reforma do aparelho de Estado têm tornado cada vez mais agudo o quadro de instabilidade e precariedade do emprego no magistério público.

Ainda segundo a autora, em levantamento realizado recentemente, foi possível constatar que as questões salariais e de caráter profissional, aquelas atinentes à defesa dos direitos trabalhistas, ainda são as mais contundentes nas lutas e manifestações dos trabalhadores da educação. Isso se explica, provavelmente, pelo quadro de precarização das condições de trabalho e, pela remuneração a que esses profissionais se viram submetidos nos últimos anos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivenciar a aposentadoria não constitui uma tarefa fácil, em virtude dos estigmas vinculados a essa etapa da vida, a qual demanda preparação e reflexão prévias. Segundo Stano (2001), muitos são os problemas enfrentados pelos professores que não se preparam para a aposentadoria. Afinal, efetivar a desvinculação do meio profissional, que não só era seu trabalho, mas também um ambiente de troca de conhecimento, experiências e amizade, é um processo complexo e que deve ser realizado aos poucos.

Nossas conclusões acerca da análise dos motivos que justificam o pedido de aposentadoria nos levaram a entender que, de modo geral, as professoras optaram, em determinado momento da vida, por requerer a aposentadoria, não só porque a ela já tinham direito, como também, segundo os depoimentos colhidos, para poder concretizar o plano de acumular o salário de aposentadas e os vencimentos de professoras em exercício.

Além disso, a perspectiva da aposentadoria despertava sentimentos de insegurança, conflito, deslocamento e receio de não ser socialmente útil, o que demonstra uma

falta de preparo para vivenciar essa nova etapa da vida, pela qual grande parte dos trabalhadores passará. A falta de planejamento, que segundo Stano (2001) é o principal fator de conflito para os professores que se deparam com a aposentadoria, se evidenciou nos relatos das participantes desta pesquisa, pois seus planos estavam voltados mais especificamente para o retorno à docência e não propriamente para a vivência da nova etapa da vida. Percebemos também uma grande valorização afetiva do ambiente escolar e do convívio com os colegas de trabalho e os alunos. Acreditamos que esse dado se deve a um resultado positivo do balanço entre as dimensões objetivas e subjetivas, obtidas na avaliação geral de toda a carreira docente, o que representa, de acordo com Lapo (2008), uma forma de bem-estar docente.

Apesar desse vínculo afetivo com o espaço de trabalho, a pesquisa revelou, na direção contrária, que as professoras aposentadas passaram por dificuldades relacionadas ao estresse, a doenças adquiridas durante o exercício da docência e a dificuldades financeiras oriundas da precarização da profissão docente em nosso país, citada por Dartora (2009) e Oliveira (2005). A situação financeira, porém, foi a que incitou os planos de retorno ao trabalho após a aposentadoria, já que ela não permitiu a realização de sonhos como viajar, passear e pescar, entre outros.

O receio de viver a aposentadoria e não ser socialmente útil, após longos anos de contribuição para a formação de vários alunos também é um fator de dificuldade enfrentado pelas professoras aposentadas que participaram deste estudo. Afinal, deixar uma vida permeada pelo dinamismo da sala de aula para assumir uma eventual inatividade pode representar um conflito para quem se acostumou a viver em um ritmo mais acelerado.

Em relação aos motivos para o retorno à docência, percebemos que as professoras aposentadas possuem uma forte vinculação com a escola pública, em virtude de fatores como a identificação com os alunos e a estabilidade proporcionada pelo serviço público. Os dilemas presentes na escola pública atual não foram encarados como dificuldades para a decisão de retornar ao magistério, visto que, as professoras compartilham estratégias de enfrentamento baseadas na construção de regras com os alunos e de parceria com os seus familiares.

E, por avaliarem a experiência docente como muito relevante, a falta de valorização no ambiente de trabalho, do saber acumulado no decorrer dos anos foi um ponto levantando pelas professoras. De acordo com os relatos obtidos, a dinâmica no interior das escolas privilegia as reuniões daqueles que trabalham com os mesmos anos, de forma que a troca de experiência é promovida apenas dentro desse grupo, sem abertura para diálogos,

discussões e reflexões com professores de outras turmas, perdendo-se assim a oportunidade de compartilhar o conhecimento adquirido nos seus muitos anos de carreira, enfim, a experiência profissional.

Acreditamos que a valorização do conhecimento do professor aposentado poderia funcionar como um ponto de apoio para outros profissionais menos experientes. O relatório da OCDE (2006) relata que em muitos países já estão sendo implantadas políticas de retenção de profissionais mais experientes nas escolas. A nosso ver, essa seria uma estratégia interessante para promover melhores resultados na preparação de professores em início de carreira. Afinal, o processo de inserção na carreira docente é permeado por conflitos e inseguranças. A presença de um professor mais experiente na recepção e acompanhamento desses novos professores traria mais confiança com relação à forma de agir mediante as dificuldades cotidianas, bem como, no tratamento dos aspectos pedagógicos.

O incentivo à permanência desses professores mais experientes nas escolas poderia acontecer como ocorre em alguns países, segundo relatório OCDE (2006) com o incentivo de professores com idade mais avançada a permanecer na docência por meio de novas oportunidades de trabalho em tempo parcial e redução das horas de trabalho sem ameaçar seu emprego de longo prazo e seus direitos previdenciários. Conforme o relatório, a Alemanha, Holanda e Noruega já desenvolveram programas focalizados particularmente em professores de nível sênior, como meio de reduzir o desgaste da carreira e reter suas habilidades na escola com o fim de auxiliar e acompanhar os novos professores na inserção na carreira.

Nesse sentido, a própria política educacional brasileira poderia se aproximar das políticas desenvolvidas nos países acima citados, com o intuito de que os saberes da experiência dos professores aposentados sejam aproveitados e valorizados.

Retomando a análise dos motivos revelados para explicar o retorno à docência após a aposentadoria, podemos concluir que, além da forte vinculação e valorização do ambiente de trabalho para as suas vidas pessoais, dois outros fatores compareceram nos relatos. O primeiro diz respeito aos aspectos financeiros e à possibilidade de acrescentar aos proventos da aposentadoria o salário de professora em exercício. A análise dos dados e nossas conclusões acerca dos depoimentos, porém, nos levam a crer que se fosse pura e simplesmente pela falta de dinheiro, as professoras poderiam se dedicar a outras atividades que pudessem promover um retorno financeiro.

Assim, entendemos que embora os aspectos financeiros tenham sido determinantes para a volta à docência das professoras participantes deste estudo, esse retorno não se desassocia do desejo de poder continuar a contribuir com suas experiências profissionais, seus saberes docentes. E este é o segundo fator que consideramos importante para explicar a decisão de retorno dessas professoras ao magistério. Para elas, exercer um papel na sociedade, sentir-se útil, não ser estigmatizado como velho e sem nenhuma função, tem muita importância. Tanto que, em alguns casos, a volta ao trabalho teve influência na melhora de doenças de cunho psicossomático.

As conclusões deste estudo, portanto, se aproximam da análise de Stano (2001), quando aponta que o estigma da velhice e da falta de importância para a sociedade são causas de conflito enfrentado por grande parte dos professores que se aproximam da aposentadoria.

Para encerrar, gostaríamos de ressaltar que nossa intenção, ao desenvolver esta pesquisa, foi apontar subsídios para a elaboração de políticas que permitam aos professores vislumbrar a possibilidade do retorno à docência, após a aposentadoria, movidos pelo desejo de continuar a compartilhar seus saberes e experiências profissionais.

Mas esse anseio só poderá ser efetivado, quando os planos de carreira dos docentes forem orientados de forma que contemplem a valorização do professor, tanto no plano social, quanto no financeiro, a exemplo do que já ocorre em alguns países, segundo o relatório da OCDE (2006), onde são implantados projetos que valorizam e retêm em seus cargos os professores antigos, experientes e responsáveis, que desejam contribuir para a melhoria da qualidade do ensino na escola pública.

REFERÊNCIAS

BRAGANÇA, A. B. de S. *Aposentadoria: a experiência de professores aposentados do Instituto de Biologia da UNICAMP*. 2004. 102f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação - UNICAMP, Campinas, 2004.

DARTORA, C. M. *Aposentadoria do professor: aspectos controvertidos*. 2. ed. revista e atualizada. Curitiba: Juruá, 2009.

DEBERT, G. G. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Editora da USP: Fapesp, 1999.

DEPS, V. L. *A transição à aposentadoria, na percepção de professores recém aposentados da Universidade Federal do Espírito Santo*. Tese. 186f. (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação - UNICAMP, Campinas, 1999.

- ESTEBAN, M. P. S. *Pesquisa qualitativa em educação*. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- LAPO, F. R. *Bem-estar docente*. In: SEMINÁRIO REDESTRADO – Nuevas Regulaciones em America Latina, 7, 2008. Buenos Aires. *Anais...* Buenos Aires, p. 1-19, 2008.
- LAPO, F. R.; BUENO, B. O. Professores, desencanto com a profissão e abandono do magistério. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 118, p. 65-88, mar. 2003.
- MANZINI, E. J. *A entrevista na pesquisa social*. São Paulo: Didática 1990.
- MINAYO, M. C. de S. *Pesquisa social*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- NÓVOA, A. *Desafios do trabalho de professor no mundo contemporâneo*. Palestra. SINPRO-SP. 2007. Disponível em: http://www.sinprosp.org.br/arquivos/novoa/livreto_novoa.pdf. Acesso em: 12 jul. 2011.
- OCDE. *Professores são importantes: atraindo, desenvolvendo e retendo professores eficazes*. São Paulo: Moderna, 2006.
- OLIVEIRA, D. A regulação das políticas educacionais na América Latina e suas conseqüências para os trabalhadores docentes. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 26, n. 92, p. 753-775, Especial - Out. 2005.
- OLIVEIRA, D. A. A reestruturação do trabalho docente: precarização e flexibilização. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 25, n. 89, p. 1.127-1.144, set./dez. 2004.
- ROSA, M. V. de F. P. do C.; ARNOLDI, M. A. G. C. *A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para validação de resultados*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- SIMÕES, J. A. A previdência social no Brasil: um histórico. In: NERI, A. L.; DEBERT. G. G (Org.). *Velhice e sociedade*. Campinas: Papirus, 1999. p. 87-112.
- STANO, R. de C. T. *Identidade do professor no envelhecimento*. São Paulo: Cortez, 2001.
- SZYMANSKI, H. *Entrevista reflexiva: um olhar psicológico sobre a entrevista em pesquisa*. 2. ed. Brasília: Liber Livro, 2008.
- TEDESCO, J. C. *O novo pacto educativo: educação, competitividade e cidadania na sociedade moderna*. São Paulo: Ática, 2001.
- TRINVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.
- ZANELLI, J. C.; SILVA, N. *Programa de Preparação para Aposentadoria*. Florianópolis: Insular, 1996.